Civilização da Pecuária

José Bonifácio de Sousa

É sabido que no devassamento e ocupação do sertão nordestino, exerceu o gado papel preponderante graças à sua mobilidade e à facilidade com que se apropriou daquelas paragens que pareciam reservadas ao seu domínio e expansão.

Em virtude da rusticidade das espécies pecuárias introduzidas no Brasil, não houve, a bem dizer, processo de adaptação ao novo **habitat**. Com notável presteza aí se desenvolveram, comportando-se como se fôssem rebanhos nativos.

Nas áreas mais castigadas pelas sêcas, a mortandade periódica reduzia sensìvelmente os efetivos (houve sêcas que chegaram quase a exterminá-los) mas era prodigiosa a rapidez com que se reconstituíam.

Dêste modo, conseguiu a pecuária firmar sua hegemonia, tornada histórica pela influência que exerceu, por espaço de quase três séculos, na evolução econômica e social da região.

A princípio, na sua fase privativista, deu lugar à famosa "civilização do couro", em que todo o trem rudimentar da vida sertaneja derivava do gado e de seus subprodutos. Era êle que proporcionava o alimento, a roupa de trabalho, os objetos de uso pessoal e utensílios domésticos. Bem pouco o que vinha de fora: ferramenta, armas de fogo, sal e algum tecido, tudo isso

trazido pelos **cavalarianos**, espécie de mercadores ambulantes que, vindos de Recife e Olinda, penetravam no longínquo interior, percorrendo-o em todos os sentidos, cambiando suas mercadorias por animais de sela e de carga destinados à faina dos engenhos de Pernambuco (1).

Foram êles os precursores do comércio entre o litoral e o sertão, e os agentes de ligação entre a área do açúcar e da pecuária, tornando a primeira tributária da última no tocante à aquisição de equídeos para a montaria dos senhores de engenho, para acionar a almanjarra e para o transporte da cana e do açúcar, onde não fôsse utilizada a via fluvial.

Note-se a procedência do **cavalariano** sôbre o **boiadeiro** pela razão de ter sido o cavalo e espécies congêneres, conforme acentuou Gilberto Freyre (2), mais úteis que o boi à faina dos engenhos, e também pelas circunstância de serem mais afeitos a vencer grandes caminhadas com relativa facilidade e rapidez.

Caracterizava ainda essa fase rudimentar, não apenas o isolamento do sertão com relação à marinha, como também o hermetismo de sua economia e a ausência de coesão social, isto é, de vivência em comum, entre os primitivos núcleos de povoamento que ganglionavam as margens dos rios interiores.

O desenvolvimento da criação e a prosperidade dos criadores determinaram a saturação dêsse sistema econômico que, rompendo o círculo em que se encerrava, forçou as comunicações com a orla marítima, onde havia mercado permanente para a colocação dos excedentes dos rebanhos.

Passou, desde então, a deslocar-se o fazendeiro, conduzindo suas boiadas às feiras do litoral, preferentemente às de Igaraçu e Goiânia e, mais tarde, às oficinas do Aracati, berço da indústria de charqueagem no Brasil, trazendo de retôrno provisões que, mais abundantes e variadas, foram aos poucos mitigando a rusticidade dos feudos rurais.

---

(1) No sertão de Quixadá eram os *cavalarianos* encontradiços até à à década de 1870. Um dêles foi protagonista de bárbaro crime de homicídio e roubo, que ficou célebre nas crônicas da terra.

(2) Gilberto Freyre — *O Nordeste.*

O trânsito permanente do gado alargou os indecisos caminhos dantes só percorridos pelos cavalarianos, transformando-os pouco a pouco em verdadeiras estradas reais, abertas com aguda percepção da topografia regional, e em cujo leito se estendem as atuais rodovias de penetração.

Intensificou-se, por sua vez, o contacto entre as primitivas feitorias rurais, até então isoladas na vastidão da área conquistada, dando expressão ao espírito de vizinhança e de ajuda mútua, na base de interêsses e aspirações comuns.

Ainda a pecuária concorreu poderosamente para o estreitamento dessas relações, inspirando verdadeiro sistema de colaboração entre criadores e, o que é mais admirável, entre vaqueiros rudes, os quais ainda observam velhas tradições e usanças que opulentam os valores folclóricos da região.

O império do gado não excluiu, como o fêz a monocultura da cana de açúcar, outras formas de exploração da terra, notadamente a lavoura de subsistência. Antes as fomentou no interêsse do auto-abastecimento das primitivas fazendas e através do regime de trabalho livre que coexistiu ao lado do trabalho servil.

Esta circunstância concorreu para o alargamento do campo de especialização das atividades rurais, atraindo novos elementos de trabalho, facilitando-lhes a fixação, em que pese o caráter de aventura que as incertezas do clima sempre emprestaram à exploração agrícola pelos processos rotineiros.

O sentimento religioso foi também poderoso fator de nucleação. Onde quer que se erguesse um oratório ou uma capela aberta à crença do povo, haveria de surgir um vilarejo, e outra não foi a origem de quase tôdas as nossas cidades sertanejas.

Como era natural, a condensação demográfica acarretava problemas que freqüentemente superavam a alçada privada e exigiam a ação reguladora e coercitiva do poder público. Investidos dêsse poder, fazendeiros e proprietários passaram a exercê-lo como título de legitimação de suas prerrogativas de senhores feudais. Foram êles os sargentos-de-milícia, os capitães-de-ordenança, os juízes-de-paz e vereadores das vilas do in-

terior. Seriam também, mais tarde, os chefes políticos, deputados, senadores e até ministros e conselheiros, dentre os que receberam o lustre da cultura e da civilização.

Como componentes das câmaras municipais, foram os legisladores dos famosos códigos de posturas, verdadeiros relicários de bom senso e de objetividade, sob feição por vêzes ingênua e extravagante, mas sempre inspirados nas realidades e interêsses do meio, sem a influência desajustadora de doutrinas exóticas. Coube-lhes promover o ordenamento jurídico das atividades rurais, legitimando os irrecusáveis privilégios da pecuária, sem prejuízo dos interêsses de outras atividades concorrentes.

O contacto civilizador do litoral alargou-lhes o campo de percepção e das aspirações. Não só do gado e para o gado deveriam viver. E lá se encaminharam para os seminários e academias os melhores rebentos das gerações que iam surgindo dessa agreste elite dominadora dos sertões.

Padres e doutôres, muitos dêles exerceram larga e brilhante influência na arena em que se projetaram, sem perderem, contudo, o espírito da civilização pastoril de que provieram. E essa civilização teve-os como seus lídimos representantes, a sua elite evoluída, mais modesta que a do açúcar apenas por lhe ter faltado o esplendor econômico, porém com seu lugar bem definido no cenário político e social do Império. Mais modesta tão sòmente na área das sêcas, porque noutras zonas mais propícias a aristocracia pastoril rivalizou com a do açúcar em valimento, em projeção e até mesmo nas ostentações de riqueza.

No interior da Bahia, por exemplo, os continuadores da faina pastoril dos Garcias d'Ávila e dos Guedes de Brito, nas fazendas em que se desdobraram os primitivos morgados dêsses pioneiros, chegaram a constituir uma casta privilegiada, requintada de bom gôsto e de luxo, com os seus solares assobradados, guarnecidos com o que havia de melhor e mais fino em mobi-

liário, em baixelas, em prataria, tudo isso ornado, em muitos casos, com os emblemas do baronato imperial (3).

Na área das sêcas, a incidência periódica do flagelo, de efeitos igualitários, não permitiu essas ostentações, mas, por uma compensação providencial, aprimorou na elite rural os atributos de caráter e de espírito que tanto recomendam e exaltam o grupo racial nordestino.

No Ceará, provieram dessa estirpe homens da envergadura de um Senador Alencar e um Tristão Gonçalves, egressos do Cariri; de um Senador Pompeu, de um Conselheiro Paula Pessoa, de um Rodrigues Júnior, oriundos dos sertões do Aracatiaçu; dos Fernandes Vieira, autênticos Carcarás do Saboeiro, e tantos outros que, tornados grandes pelas posições de mando, pela projeção no cenário da Província e do Império, conservaram, contudo, bem nítida, em suas atitudes pessoais, a marca de origem.

A par dessa linhagem que a implantação da República condenou ao desaparecimento, consumado com a ascensão das massas, existiu e floresceu uma outra destinada a sobreviver às mutações políticas e sociais, porque fundada nas prerrogativas irrecusáveis da inteligência e da sensibilidade.

—:—:—:—

Bem longe estamos da "civilização do couro" e daquela fase posterior em que "quem não era criador, era criado".

Dando expressão à sua índole democrática, a pecuária repartiu seus domínios com outras atividades rurais, antecipou-se na abolição do trabalho servil, abdicou do monopólio econômico e social dos sertões, mas conservou indelével sua influência caracterizada numa civilização pobre de bens materiais mas rica em valores do espírito.

Essa civilização sobrevive no recesso das fazendas, expressa em usanças e tradições ainda operantes entre criadores e va-

(3) Consultar os ensaios sôbre o assunto do sociolólogo baiano Eurico Alves Boaventura.

queiros; na feição das cidades sertanejas alimentadas com o bom leite e a boa carne de seus plantéis modernizados; na índole de uma sociedade em que a vaca, o cavalo, o carneiro e a cabra não são apenas unidades de riqueza mas criaturas de estimação; no espírito liberto e andejo que os cabeças-chatas de hoje herdaram dos povoadores de ontem; nos motivos folclóricos em que se inspiram cantadores e violeiros, e na riqueza de humanidade que se oculta da figura agreste, por vêzes bárbara, do vaqueiro, do jagunço, do romeiro, do cassaco, de tôda essa gama de tipos que o sertão pastoril afeiçoou à sua imagem e semelhança.

"Há uma multidão de heróis que jamais darão à História a honra de uma visita. Vaqueiros de outrora, carreiros admiráveis, rastejadores infalíveis, aboiadores de voz mágica, amôres, dedicações, sacrifícios, raptos, valentias, gente bonita, enamorada e boa, tudo morto mas presente e ressuscitado nas vozes evocadoras e doces, vivem realmente e participam da existência funcional presente" (4).

E o que parece morto, imortaliza-se na obra profundamente humana e ao mesmo tempo telúrica de romancistas, poetas, ensaístas e sociólogos que, como intérpretes da civilização do Nordeste pastoril, ocupam posição de relêvo no cenário lítero--cultural do País. Presos por liames secretos e indestrutíveis às suas origens ancestrais e ao ambiente de que provieram, podem êsses escritores repetir a frase posta por um dêles na bôca de um dos seus personagens — "há no meu sangue muito desta terra . . ."

Assim se explica êsse apêgo ao sertão, por vêzes ilógico e contraditório, êsse chamêgo com a terra e com a gente, que avassala as próprias elites e lhes infunde uma ternura lírica por todos os padrões locais, tão precários como expressão de riqueza, mas tão essenciais à felicidade e à realização do próprio destino de seus filhos.

Em suma, tendo produzido notáveis valores de cultura, a

(4) Luís da Câmara Cascudo — *Tradições populares da pecuária nordestina.*

civilização da pecuária difundiu-os por todo o País, conservando, porém, nítido e inconfundível o sinal de procedência. Graças o segundo na fazenda Tapuiará, à margem do riacho do mesmo a essa característica, ela tem concorrido para a preservação do genuíno estilo de vida nacional, não só no seu ambiente de origem, como noutras áreas onde o nordestino se faz presente com seu esfôrço criador e seu espírito de brasilidade.